



EUGENIO COSERIU: PRECURSOR DA ECOLINGUÍSTICA

Márcio M. G. Silva (*Pesquisador independente, linguista, tradutor e ambientalista*)

Resumo: O objetivo deste artigo é mostrar que o linguista romeno Eugenio Coseriu pode ser considerado um dos precursores da ecolinguística em geral e da linguística ecossistêmica em especial. Contrariamente ao clima estruturalista em que atuou, ele sempre defendeu a ideia de que a língua é basicamente comunicação e que o sistema é um construto forjado pelos linguistas ao observarem os atos de interação comunicativa concretos. Via também a língua como um fenômeno dinâmico, sempre se adaptando às necessidades comunicativas de seus usuários. Para ele a língua deve ser encarada em sua totalidade, não reducionista, embora cada investigador específico deva fazer um recorte a fim de estudá-lo microscopicamente. Porém, ao fazê-lo não esquece que o que delimitou é parte de um todo que não deve ser ignorado.

Palavras-chave: Eugenio Coseriu; Ecolinguística; Linguística ecossistêmica; Língua como interação; Língua sempre em evolução.

Abstract: The objective of this article is to show that the Romanian linguist Eugenio Coseriu can be considered one of the forerunners of ecolinguistics in general and of ecosystem linguistics in particular. Contrary to the structuralist climate in which he worked, he always defended the idea that language is basically communication and that the system is a construct forged by linguists when they observe concrete acts of communicative interaction. He also saw language as a dynamic phenomenon, always adapting to the communicative needs of the speakers. For him, language must be seen in its entirety, not reductionistically, although each specific investigator must make a cut in order to study it microscopically. However, in doing so, he does not forget that what he delimited is part of a whole that should not be ignored.

Key-words: Eugenio Coseriu; Ecolinguistics; Ecosystemic linguistics; Language as interaction; Language as dynamica phenomenon.

1. Introdução

Eugenio Coseriu (*Eugen Coșeriu*, em romeno) é um linguista formado na tradição estruturalista filiada a Saussure, para a qual a língua é um instrumento de comunicação, um sistema que é realizado na fala (diálogo). Isso significa que a fala seria subordinada a esse sistema. No entanto, desde seus primeiros trabalhos em Montevidéu a partir de 1951, Coseriu tem mostrado que é justamente o contrário que acontece, é a língua como sistema que se forma com base na fala (diálogo, interlocução, atos de **interação comunicativa**), é o sistema que é subordinado à interação comunicativa (fala, *habla*). Por esses e outros motivos, o objetivo deste ensaio é mostrar que não só esse fato, mas praticamente tudo que Coseriu defendeu é aceitável pela linguística ecossistêmica (LE), a tal ponto que ele pode ser considerado um precursor dela. Para dar início à discussão, vejamos o resumo biográfico da carreira do autor encontrável no *site* alemão dedicado a ele, cujo endereço é <http://www.coseriu.de/>.

O linguista Eugenio Coseriu nasceu em 1921 em Mihăileni, Romênia, pequena cidade que hoje faz parte da República da Moldávia. Depois de estudar na Romênia e na Itália, tornou-se Professor de Linguística Geral e Indo-Europeia na Universidade de Montevidéu (Uruguai) em 1951. Na década de 1950, ele desenvolveu os fundamentos centrais de sua teoria da linguagem, que inicialmente consistia em expandir e complementar a linguística estrutural. As obras centrais deste período lidaram criticamente acima de tudo com Ferdinand de Saussure e modificaram ou complementaram sua concepção de linguagem referindo-se, por exemplo, a Wilhelm von Humboldt, Hegel e Aristóteles. Algumas obras da década de 1950 inauguram áreas de pesquisa que vão além da visão estrutural da linguagem. Em “Determinación y entorno” (1955-56)¹, delinea-se pela primeira vez uma linguística do texto. Em 1961, Coseriu foi para a Alemanha, primeiro para Bonn e em seguida para Frankfurt/Main. A partir de 1963 atua como professor de linguística românica na Universidade de Tübingen. Na década de 1970, os ensinamentos de Coseriu em Tübingen deram lugar à escola linguística de estudos românicos mais influente, influência essa que foi muito além dos estudos românicos, especialmente a área da linguística geral e da filosofia da linguagem, mas também em outras filologias individuais. Eugenio Coseriu morreu em 7 de setembro de 2002 em Tübingen.

A obra de Coseriu é, além de densa, bastante extensa. Apenas o que produziu depois que se mudou para a Alemanha em 1961 perfaz várias centenas de trabalhos, entre livros, artigos, capítulos de livros etc. Apesar disso, vou me ater a três livros escritos em sua fase inicial em Montevidéu (1951-1961)². Aí, com cerca de 30 anos de idade, ele começou a fazer uma reinterpretação da obra de Saussure, como a distinção entre *langue* e *parole*, que ele cindiu em “Sistema, norma e fala (*habla*)”, publicado inicialmente em *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias* em 1952, mas conhecida internacionalmente como primeiro capítulo de Coseriu (1967/1961). Na obra desse período o autor já revelava um grande conhecimento de filosofia, além da linguística. Ele cita textos no original grego (Aristóteles e Platão, p. ex.) e em latim (Plotino, Santo Agostinho etc.). Dos filósofos posteriores, além dos já mencionados Humboldt e Hegel, Coseriu cita nas línguas originais Benedetto Croce, Kant, Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Bergson, Wittgenstein, Carnap, Russell, John Stuart Mill e outros menos conhecidos. Cita ainda psicólogos (Köhler, Steinthal), sociólogos (Comte, Durkheim), além de ter incursionado pelo campo da teoria literária produzindo ensaios como “Información y literatura” e “Tesis sobre el tema Lenguaje y poesía” (In: *El hombre y su lenguaje*, Madrid, Gredos, 1977). Coseriu tinha um conhecimento pelo menos para leitura de praticamente todas as línguas mais representativas da Europa.

2. Coseriu e a ecologia linguística

De acordo com Coseriu “*comunidades linguísticas*, que realizam concretamente em seu falar as entidades ideais chamadas ‘línguas’, se apresentam com extensão e limites no espaço terrestre e, portanto, podem ser registradas em mapas e constituir objeto da geografia” (GL, 33)³. Aqui se

veem vislumbres de argumentação sobre **ecologia das línguas**; também quando o autor diz que “o estudo da distribuição das ‘línguas’ (comunidades linguísticas) sobre a terra e das fronteiras entre elas cabe dentro da geografia política” (GL, 33).

Coseriu tinha uma visão ecológica da linguagem, mesmo quando falava em geografia linguística. Em Coseriu (1956), ele fala da ecologia das línguas, sob o rótulo de “geografia das línguas” (GL, 33, 314). Fala também em “**ecologia linguística**” (GL, 30) e “**ecologia da articulação**” (GL, 32). Vale dizer, o conceito de ecologia nos estudos linguísticos já estava pairando no ar, já em meados da década de 50 do século passado, antes mesmo dos trabalhos pioneiros de Voegelin & Voegelin (1964) e Haugen (1972), que Coseriu não menciona.

Coseriu vê a linguagem de uma perspectiva holística (**holismo**), sob o nome de “linguística integral” como se pode ver em Munteanu (2005), Tărcăoanu (2012, p. 147) e Santos (2014). Segundo Tărcăoanu, “o linguista de origem romena introduziu no plano internacional o paradigma da linguística integral – tendo como subdomínios a linguística do falar em geral, a linguística das línguas e a linguística do texto/ou discurso com o objetivo de estudar a linguagem como fenômeno multiforme”. Porém, é em Munteanu (2005) que temos um aprofundamento da tese da linguística integral. Por tudo que se pode ler no presente artigo, Coseriu vê a língua de uma perspectiva realmente holística, como a LE, assunto que será explorado em pormenores na seção seguinte. Em Santos (2014) temos mais comentários sobre a filosofia linguística de Eugenio Coseriu, em português.

Em *La geografia linguística*, o autor antecipa a ecologia das línguas ao ver “a terra como ‘*habitat*’ do homem”, que é “a vida social y cultural do homem e seu ambiente natural” (30). Mais adiante ele fala do “problema das relações entre ambiente físico e linguagem – que, mais do que da ‘geografia’, seria o de uma ‘ecologia’ linguística” (GL, 32). Fala também de “ecologia da articulação [...] que deve ser posto e resolvido pela biologia” (GL, 32).

Coseriu “fala também do fato de que a língua pode ser vista hoje não como organismo autônomo com ‘vida’ independente dos falantes, mas como ‘sistema de isoglossas’ que se estrutura sobre a base do falar concreto e, historicamente, como unidade e continuidade de uma tradição linguística em uma comunidade” (GL, 67), enfatizando a ideia de que a língua só existe se há pessoas que a falem (GL, 68). Aí se vislumbra o conceito de **comunidade de fala**, mais visível ainda na asserção de que “a língua concreta [...] [é] “um *modo de falar* peculiar a uma comunidade, que se comprova na atividade linguística como seu aspecto essencial” (SDH, 43). Assim, “existe a fala porque existem indivíduos que pensam e sentem, e existem ‘línguas’ como entidades históricas, e como sistemas e normas ideais, porque a linguagem não é só expressão, finalidade em si mesma, mas também comunicação, finalidade instrumental, expressão para o outro, cultura objetivada historicamente e que transcende o indivíduo” (GL, 68-69). Por isso, “a origem das inovações deve ser procurada na atividade linguística concreta dos indivíduos falantes” (GL, 38).

Enfim, Coseriu fez na linguística o que Marx e Engels fizeram com a filosofia idealista alemã como vista em Hegel. Em vez de partir da *langue* (língua) e considerar a *parole* (fala) uma realização dela, subordinada a ela, ele inverte a direção. O essencial é a fala (*habla*), a comunicação, a interação comunicativa. O sistema é um construto forjado pelos linguistas partindo da fala (interação comunicativa). A linguística estava de cabeça para baixo; era necessário pô-la sobre os próprios pés, que são a interação comunicativa, para continuar usando a metáfora de Marx & Engels. Porém, Coseriu reconhece que sistema e falar, no nosso caso, regras sistêmicas e regras interacionais (interação comunicativa), são duas facetas de uma mesma realidade. Um não existe sem a outra e vice-versa.

3. Coseriu e a linguística ecossistêmica

Acabamos de ver que, para Coseriu, as relações entre ambiente físico e linguagem é um problema para a **ecologia linguística**. Portanto, o que acaba de ser dito sobre a antecipação de ideias ecolinguísticas na obra de Coseriu é válido para a ecolinguística como um todo. A fim de aquilatar a importância desse autor como precursor especificamente da linguística ecossistêmica vou expor algumas categorias e alguns dos princípios dessa vertente da ecolinguística, comparando-os com trechos da obra coseriana, além do que já foi adiantado na seção anterior.

Começemos pelo **ecossistema linguístico**. Coseriu não usa esse termo, mas fala do conceito contido nele. O que ele chamou de “ecologia da articulação” não é nada mais nada menos do que ecossistema da articulação, ou **ecossistema articulatório**, como discutido em Couto (2018b). Além disso, a própria expressão “ecologia linguística” é um nome alternativo para linguística ecossistêmica. Os componentes do ecossistema linguístico – povo (P), território (T) e linguagem/língua (L) – também transparecem na obra do autor quando ele diz, por exemplo, que a língua é parasita (termo biológico) da população que, por seu turno, tem seu *habitat*. Em suas palavras, “a língua não tem existência autônoma e existe apenas no falar e na mente dos falantes” (SDH, 33, 73). Nessas palavras aparece outra faceta da linguística ecossistêmica, o lado mental da língua. Enfim, ele reconhece a existência dos três ecossistemas linguísticos, o **natural**, o **mental** e o **social**. Coseriu não era reducionista como os estruturalismos de todos os matizes.

Todo o primeiro capítulo de Coseriu (1967) – “Sistema, norma y habla” –, fala, direta ou indiretamente, do que linguístico-ecossistemicamente é chamado de **comunidade de língua e comunidade de fala**, à vezes referindo-se a uma, às vezes à outra. A primeira é o domínio do seu sistema, ao passo que a segunda se equipara pelo menos em parte a sua norma. É na comunidade de fala (norma) que se dão os encontros entre pessoas que provocam **atos de interação comunicativa**, o *hablar* de Coseriu. Porém, a contribuição mais conspícua do autor para a linguística ecossistêmica é sua concepção de **língua como interação**, evocando Humboldt. Para ele, “a linguagem existe só e exclusivamente como falar, como atividade linguística concreta” (SNH, 41). Coseriu continua dizendo que “não é o caso de se explicar o falar da perspectiva da língua, mas o contrário. Isso porque a linguagem é concretamente falar, atividade, e porque o falar é mais amplo do que a língua: enquanto a língua se acha toda contida no falar, o falar não se encontra todo na língua” (SNH, 287). Em outro lugar ele diz que “a língua se realiza no falar, ao passo que o falar não se realiza na língua” (SDH, 33, Nota). Alhures o autor diz ainda que “a língua se constitui sobre a base dos atos concretos de fala” (SNH, 13) e que “a língua não existe senão no falar dos indivíduos, e o falar é sempre falar uma língua” (SDH, 33). Por isso, “a língua não tem existência autônoma e existe apenas no falar e na mente dos falantes” (SNH, 73).

Para a linguística ecossistêmica, o núcleo de língua é a **interação comunicativa**, também conhecida como diálogo ou interlocução. Pois bem, em consonância com o que dissera Humboldt, e contrariamente ao ambiente estruturalista em que Coseriu se formou e atuou – que via a língua como uma estrutura –, Coseriu sempre defendeu a tese de que “a essência da linguagem ocorre no diálogo” (SDH, 65), “a linguagem existe só e exclusivamente como *falar* como atividade linguística” (SNH, 41). Por isso, “não se deve explicar o falar do ponto de vista da língua, mas ao contrário. Isso porque a linguagem é concretamente falar, atividade, e porque o falar é mais amplo do que a língua: enquanto a língua se encontra toda contida no falar, o falar não se encontra todo contido na língua” (SNH, 287).

Se a língua é fala (*habla*), falar – interação, interação comunicativa, diálogo, interlocução –, é preciso investigar a **ecologia da interação comunicativa** e seus componentes: interlocutores (falante, ouvinte, circunstante), troca de turnos, contexto etc. Tudo isso fica implícito na obra de

Eugenio Coseriu. No já mencionado texto “Determinación y entorno” (SNH, 310) Coseriu fala detalhadamente da ecologia da interação comunicativa (EIC), sob diversas designações. Por exemplo, no que chama de “situação”, entram os **interlocutores** sob a forma de “pronomes” pessoais (*eu, tu, ele*) e seus derivados possessivos. Aí inclui também os **dêiticos**, o tempo e o espaço em que a EIC acontece. No próprio título desse texto “entorno” já aponta para uma certa ênfase no espaço. Sob o rótulo não muito apropriado de “região” ele destrinça a EIC nos seus mínimos detalhes. Como se vê no pequeno texto sobre sua vida acima, em “Determinación y entorno” ele delineou uma teoria até mesmo do resultado dos atos de interação comunicativa, o **texto**.

Acima já foi feita alusão à **visão holística** que Coseriu tinha da linguagem. Para ele, “o objeto da linguística é a linguagem humana em sua totalidade, em sua realidade multiforme e infinitamente variável e em suas múltiplas relações” (SNH, 130), a começar da distinção entre sistema (regras sistêmicas) e uso/fala (regras interacionais). Em toda sua obra fica implícito que as primeiras regras são parte das segundas. Essa asserção é reafirmada em diversas passagens de toda sua obra.

Por defender a tese geral de que a língua existe concretamente na “fala” (**ecologia da interação comunicativa**, com as **regras interacionais**), Coseriu aceita a ideia de que o “sistema” (**regras sistêmicas**) é um construto que o linguista forma observando os atos concretos de interação comunicativa. Vale dizer, as regras sistêmicas são parte das regras interacionais, o que significa que também elas existem para a eficácia dos **atos de interação comunicativa**. Isso é exatamente o que diz a linguística ecossistêmica: as regras sistêmicas são parte das regras interacionais e o núcleo da língua é a interação comunicativa.

Em nenhum lugar Coseriu tocou em pormenores em algo como uma “harmonia”, ou **comunhão**, que teria que existir para que o ato de interação comunicativa seja eficaz. No entanto, o conceito fica implícito em asserções como a de que há uma “solidariedade para com o ouvinte, porque não há falar que não seja comunicação” (SDH, 70), ou seja, o falante procura se expressar como acha que o ouvinte vai entender. Indiretamente, isso implica que o falante procura entrar em comunhão com seu ouvinte.

Coseriu fala extensamente sobre a **diversidade** de pontos de vista (teorias) para se olhar para a linguagem (COSERIU, 1967, p. 36-43). Discute também as diversas formas de as várias línguas expressarem o mesmo conceito, exemplificando com espanhol, italiano, alemão, romeno e latim (SHN, 84). A ideia de diversidade linguística da Europa como um todo e da diversidade dialetal no domínio de uma língua dada transparece também em toda sua obra.

No que tange à **evolução e adaptação** da língua, todo o livro *Sincronia, diacronia e história* (COSERIU, 1979) foi escrito para mostrar que a realidade da linguagem é dinâmica, está sempre evoluindo para se adaptar às necessidades comunicativas de seus usuários. Para ele “a ‘língua’, [é um] *falar como os outros*, isto é, *como já se falou*, de acordo com a tradição” (SDH, 65, 132). “Para cada falante, a língua é um *saber falar*, saber *como se fala* numa determinada comunidade” (SDH, 52). Tanto que em outra passagem ele diz que “a língua se adapta às necessidades expressivas dos falantes” (SDH, 100). Ressalta que “o falante está sempre ‘sincronizado’ com a sua língua e não a percebe ‘em movimento’, visto que a continuidade da língua coincide com a sua própria continuidade como sujeito histórico” (SDH, 208).

Sobre a **porosidade** ou **abertura**, Coseriu diz em várias passagens de sua extensa obra que as línguas têm muito em comum, o que significa que o que há em comum entre elas subverte a ideia de fronteiras entre línguas e dialetos. Por exemplo, “nas línguas românicas, as próprias formas perifrásticas – aglutinadas ou não, mas de qualquer maneira, já ‘temporalizadas’ – costumam com frequência ser ‘substituídas’ pelas formas de presente ou por novas perífrases modais...” (143). Cita como exemplo, *he de hacer, voy a ir* para o espanhol, *j’ai à faire, je vais faire* (francês) e o

sueco *jag komme att göra*. Vale dizer, partindo de uma visão genealógica, mostra que línguas latinas e outras famílias compartilham traços – no caso, perífrases verbais – e que não há fronteiras para a maioria dos traços, para as isoglossas. Coseriu diz explicitamente que “não existem limites entre os dialetos”, deixando implícito que tampouco entre as línguas eles existem. Há muitas interinfluências nos dois sentidos (GL, 53). Diversos traços ultrapassam as “fronteiras” não apenas entre os dialetos, mas também entre as línguas. O português e o espanhol, por exemplo, compartilham a maior parte de suas características, mas não a nasalidade vocálica e as fricativas palatais [š] e [ž], entre outras peculiaridades, que pulam a Espanha e ocorrem no francês. No romeno, mesmo rodeado de línguas eslavas, [š] e [ž] ocorrem também, mas não a nasalidade vocálica. Enfim, são inúmeras as características que não obedecem às “fronteiras” linguísticas. Na genética, muitos genes podem se interpenetrar entre populações. Do mesmo modo, entidades linguísticas como fonemas, palavras etc. podem ser compartilhadas por várias línguas (GL, 34). Como nos ecossistemas biológicos, os ecossistemas linguísticos enviam e recebem matéria (falantes), energia (palavras) e informação (conceitos).

Indiretamente, Coseriu reconhece que se deveria falar em **organização** em vez de “estrutura”, tomando o termo “organização” não como um organismo à la Schleicher, mas como princípio organizador da linguagem. Assim, “o que se ‘define’ não é, em realidade, *a vogal, a consoante, a sílaba* em geral, mas a posição desses elementos em certos sistemas” (SNH, 182). Com isso, o fonema, seria um nó, um ponto na rede de interações, como o vê a linguística neurocognitiva (LAMB, 1999) desde meados da década de 60 do século passado.

Sobre as **formas possíveis**, vemos que “um grande número de significantes ‘possíveis’ que não existem efetivamente na língua”, ou seja, não são usados, tais como **cuerta, *duerta, *nuerta* (SDH, 109). No entanto, “o que é possível em turco é turco” (SDH, 121), o que significa que mesmo não sendo usadas na “norma” (as diversas comunidades de fala) elas são formadas pelas regras sistêmicas (sistema) do espanhol. Tanto que “um falante espanhol reconhece como não espanholas formas como **mögöröp* ou **stramd*, e com isso manifesta seu conhecimento do *sistema* da língua que fala, enquanto em face de formas como **nurro* ou **llambada* diria simplesmente que não as conhece. Os inventores de palavras inventam sempre palavras ‘possíveis’” (SDH, 53);

Indiretamente Coseriu toca até mesmo na questão da **reciclagem** na língua. Isso fica visível quando ele diz que “a mudança na língua não é ‘alteração’ ou ‘deterioração’ [...], mas reconstrução, renovação do sistema, e assegura sua continuidade e o seu funcionamento” (SDH, 237).

4. Ideias metacientíficas

Além de praticar uma ciência (a linguística), Coseriu faz diversas reflexões de cunho epistemológico, metacientífico, falando do que é ciência. Para começar, toda ciência tem seu objeto (C—O). Mas, “seria um ato inane *criar* um objeto apenas para constituir uma ciência para estudá-lo” (SNH, 203). De alguma forma, o objeto deve preexistir ao modelo científico. No entanto, “toda a ciência trabalha necessariamente com generalizações, que são abstrações, ‘formalizações’” (SNH, 32), ela não é uma projeção biunívoca dele. Mais, não se deve confundir o modelo científico com seu objeto, como Coseriu adverte logo no início de SNH e SDH, por exemplo. No entanto, isso ocorre com muita frequência. Alguns autores trocam “ecologia” por “ecossistema” e vice-versa. Na linguística, é muito comum o estudioso dizer “a sincronia estuda”. Ora, a sincronia é objeto de estudo, ela (O) não estuda (C) nada. Pelo contrário, ela é estudada pela linguística sincrônica. De qualquer forma, “não pode haver estudo de fatos sem uma teoria

prévia, explícita ou implícita” (SDH, 164). Se a mera presença de dados fosse suficiente para se ter ciência, qualquer um de nós seria botânico ao chegar à floresta amazônica. Antes de ir para lá, é preciso termos algum conhecimento da ciência da botânica.

Para o autor, “é falsa e contraditória, por exemplo, a crença de que, para estabelecer *o que é o substantivo*, seria preciso juntar muitos substantivos (o que, certamente, deve ser feito para estabelecer *como são os substantivos*), pois, para cumprir essa operação – e para não incluir no mesmo conjunto os verbos, adjetivos e outros objetos heterogêneos – é necessário, precisamente, saber antes o que são substantivos. A ideia de juntar fatos para resolver os problemas teóricos é uma ideia reacionária que implica deter a investigação, e não fundamentá-la mais solidamente” (SDH, 165).

Coseriu tem uma visão dialética das inter-relações metodológicas entre modelo científico e seu objeto. Para ele, “o método [...] da linguística deveria basear-se em um movimento de ‘ida e volta’: do falar (com o conhecimento prévio da ‘língua’) ao ‘sistema’”, ao modelo científico (SNH, 234). No caso específico da linguística, “mais que outras ciências, pela própria natureza de seu objeto, ela deve mover-se constantemente entre os dois polos opostos do concreto e do abstrato: subir da comprovação empírica dos fenômenos concretos à abstração de formas ideais e sistemáticas, e logo voltar aos fenômenos concretos, enriquecida dos conhecimentos gerais adquiridos na operação de abstração” (SNH, 16). É justamente por isso que propugna a linguística ecossistêmica, como se pode ver em Couto (2018a).

Deve ser ressaltado que “o conhecimento prévio não coincide com o conhecimento científico e não poderia substituí-lo. Este último poderá corrigir os dados recebidos, modificá-los e até negá-los, mas em todo caso o conhecimento prévio terá constituído o ponto de partida da observação e a condição ineludível para o próprio deslinde do objeto” (SNH, 171). Ao se falar cientificamente de determinado objeto, “a validade de uma asserção deve ser considerada em relação à realidade dos fatos, e não simplesmente em relação à suas premissas, que podem ser errôneas ou absurdas” (SDH, 167, Nota). Tanto que “o grau de desenvolvimento de uma ciência é medido pela sua adequação ao objeto estudado e pelo número de verdades que descobriu” (SDH, 199).

Ainda no que tange à relação entre ciência e seu objeto, Coseriu é de opinião de que “uma ciência não se define por seu objeto material, mas pelo ponto de vista que adota e por sua finalidade” (SNH, 168). Assim, “o objeto da linguística é a linguagem humana em sua totalidade, em sua realidade multiforme e infinitamente variável e em suas múltiplas relações” (SNH, 130). Por isso, ela deve ser multidisciplinar e multimetodológica, pois, teorias reducionistas e fechadas como o estruturalismo ou a gramática gerativa não dão conta desses diversos aspectos. Como já foi dito acima, Coseriu propugnava por uma “linguística integral”, que abranja a língua em sua totalidade, objetivo que só pode ser atingido se combinar a teoria com a multimetodologia em um contexto de multidisciplinaridade.

Tanto que ele reconhece que há uma interação dialética entre “expressão” (e sistema) e “conteúdo” (e fala/interação comunicativa). Retomando uma ideia já apresentada acima, para Coseriu a linguística “deve basear-se em um movimento de ‘ida’ e ‘volta’: do falar (com o conhecimento prévio da ‘língua’) ao ‘sistema’ (e eventualmente ao ‘esquema’ [de Hjelmslev-mmgs], e do conhecimento científico da ‘língua’ à explicação da atividade linguística concreta”, como já dito (SNH, 234).

O autor vai mais longe em suas reflexões metateóricas. Para ele, “a ciência não deve ser pura descrição de fatos empiricamente conhecidos, mas também interpretação e valoração dos fatos de uma perspectiva unitária” (SNH, 137). Isso está em sintonia com a visão holística do topo da montanha combinada com o método da focalização discutidos em Couto (2018a)

Frequentemente vemos uma “confusão entre ciências do homem e ciências da natureza” (SDH, 59). Há “deficiências terminológicas gerais das ciências do homem, que com bastante frequência adotam o vocabulário e as expressões próprias das ciências da natureza” (SDH, 99). No entanto, mesmo nas ciências humanas “as explicações científicas são aquelas que correspondem à natureza e à realidade do objeto estudado, pelo que as explicações materiais dos fatos naturais não são científicas, mas místicas” (SDH, 163).

Para Coseriu, “a oposição entre essência e existência é uma distinção intelectual e não uma separação real: a essência *não se atribui* aos entes a partir de fora, mas se reconhece *neles*” (SNH, 295). De alguma maneira, Coseriu antecipa a concepção da teoria dos sistemas complexos, dos rizomas de Deleuze & Guattari (2000) etc. Tanto que ao falar de “entidades” linguísticas ele afirma que “o que se ‘define’ não é, em realidade, *a vogal, a consoante, a sílaba* em geral, mas a posição desses elementos em certos sistemas” (SNH, 182), como já visto. Ou seja, eles seriam nós em que diversas relações que se encontram e sobrepõem. A língua não é um organismo como queria Schleicher, mas uma entidade orgânica: ela é organizada, apresenta uma **organização**, de preferência a estrutura.

De uma perspectiva mais epistemológica, Coseriu afirma que “o futuro como tal não é matéria de conhecimento e a previsão não é problema de ciência” (SDH, 196), embora se fale muito em “previsão” na ciência ocidental. Vê-se, mais uma vez, que Coseriu já tinha uma concepção de ciência muito próxima da da **visão ecológica de mundo** (VEM), que tem suas bases filosóficas fincadas na ecologia. Quanto à “filosofia, [...] é a própria ciência dos princípios” (SDH, 185, Nota). A linguística tem relações com outras ciências, como geografia, etnografia, etnopsicologia, antropologia e “outras ciências” (GL, 33). Cada uma delas olha para a língua de uma perspectiva diferente, mas complementar, vale dizer, a linguística é transdisciplinar e sua prática deve ser multimetodológica, a começar pela distinção entre linguística “interna” e “externa”, que lembram a **endocologia** e a **exoecologia** da linguística ecossistêmica (GL, 34).

“Os esquemas são expedientes úteis enquanto não se identificam com a realidade estudada: não se deve confundir o rigor próprio dos esquemas enquanto esquemas (que é um rigor instrumental) com o rigor da sua relação com a realidade, à qual os esquemas renunciam de antemão, pelo simples fato de que se constituem como esquemas” (SDH, 41). Entretanto, “o grau de desenvolvimento de uma ciência é medido pela sua adequação ao objeto estudado e pelo número de verdades que descobriu” (SDH, 199). É importante ter em mente que “os aparentes conflitos entre a razão e a realidade são sempre conflitos da razão consigo mesma, pois não é a realidade que se deve adequar ao intelecto, mas vice-versa” (SDH, 19). “Toda ciência é lógica por ser *ciência*, não por ser ciência de um *objeto lógico*” (SNH, 253).

5. Observações finais

É importante repetir que Coseriu viveu praticamente toda sua vida acadêmica no clima do estruturalismo e seus derivados. Não é de estranhar que de vez em quando ele incorra no equívoco de dizer que a “fala é realização da língua” (SNH, 14 *et passim*). Isso devido ao *Zeitgeist* (o clima intelectual, científico) em que ele viveu. Se ele estivesse a pleno vapor na pesquisa nos dias de hoje, muito provavelmente seria um seguidor da visão ecológica de mundo (VEM), como defendida por Frifjof Capra em toda sua obra.

Temos que levar em conta que, como já apontado acima, ele se formou e atuou grande parte da vida acadêmica no clima do estruturalismo da linha de Saussure na Europa e do estruturalismo behaviorista de Bloomfield nos Estados Unidos, se bem que este último partia da ideia de estímulo e resposta que, ao fim e ao cabo, é interacionista. Tanto que o psicolinguista behaviorista Salzinger

ECO-REBEL

(1979) propôs, pioneiramente, uma “ecolinguística” partindo justamente dessa interação (I), que pressupõe interagentes (P) e o lugar (T) em que a interação se dá, como requer o conceito original de ecossistema na ecologia e como lembra Couto (2018b).

Diante de tudo que acaba de ser visto, Eugenio Coseriu pode perfeitamente ser considerado um precursor da linguística ecossistêmica, em especial, e da ecolinguística, em geral, embora nenhum ecolinguista tenha reconhecido sua importância no surgimento do clima em que sua disciplina emergiu. A linguística americana em geral o ignora solenemente. Nem o recém-mencionado Kurt Salzinger sabia de sua existência. No entanto, Coseriu revelou ter um conhecimento bastante abrangente, e crítico, do que se fazia nos Estados Unidos e no mundo em geral.

Notas

1. Reproduzido em Coseriu (1967, p. 282-323).
2. Para uma visão de conjunto de sua vasta produção, pode-se consultar, entre várias fontes, o site mencionado acima: <http://www.coseriu.de/>.
3. Ao inserir excertos dos textos de Coseriu, usarei as seguintes siglas:
-GL = *La geografía lingüística* (COSERIU, 1956).
-SNH = Sistema, norma y habla (COSERIU, 1967, p. 11-113);
-SDH = *Sincronia, diacronia e história* (COSERIU, 1979).

Referências

COSERIU, Eugenio. *La geografía lingüística*. Montevideu: Fac. Humanidades/ Universidad de la República, 1956.

COSERIU, Eugenio. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madri: Gredos, 1967, 2ª ed. (original de 1961).

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1979 (original de 1958).

COȘERIU, Eugenio. Latinitatea orientală. *Limba Romană*, v. 3, n. 15, 1994, p. 10-25.

COUTO, Hildo Honório do. 2018a. A metodologia na Linguística Ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 4, n. 2, p. 18-33. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12355/10835>

COUTO, Hildo Honório do. Fonologia: argumentos em prol de uma fonética-fonologia ecossistêmica. *Revista de letras* v. 2, n. 37, p. 42-57, 2018b.

<http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/42024/99255>

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. I. São Paulo: Editora 34, 2000, 1ed., 2ª reimpressão.

LAMB, Sydney M. *Pathways of the Brain: The Neurocognitive Basis of language*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

ECO-REBEL

MUNTEANU, Eugen. Fundamente filosofice ale unei “linguistici integrale”. *Hermeneia* Numar special/2005 – Ideea europeană, p. 126-135.

<http://hermeneia.ro/archive/numar-special2005-ideea-europeana/>

HAUGEN, Einar. 1972. The ecology of language. *The ecology of language: Essays by Einar Haugen*. Stanford: Stanford University Press, p. 325-338 (original de 1970).

SALZINGER, Kurt. 1979. Ecolinguistics: A radical behavior theory approach to language behavior. In: Aaronson, D., Reiber R. W. (eds.). *Psycholinguistics research*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1979, p. 109-130.

SANTOS, Hélio Santana dos. Eugenio Coseriu: uma mudança radical na perspectiva linguística. *Linguagem em (Re)vista*, ano 9, n. 17-18, 2014, p. 62-74. Disponível em:

http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/17_18/004.pdf

TĂRCĂOANU, Mihaela-Cătălina. Paradigma filozofiei limbajului – în viziune coșeriană. *Interferențe universitare – integrare prin cercetare și inovare*, organizată de Universitatea de Stat din Moldova, Chișinău, 25, 26 septembrie 2012, p. 279-281.

http://www.philippide.ro/traditie-inovatie_2012/20TARCAOANU%20Catalina%20final.pdf

VOEGELIN, C. F.; F. M., VOEGELIN. Languages of the world: Native America fascicle one – Contemporary language situation in the New World. *Anthropological linguistics* 6(6), 1964, p. 1-151.

Aceito em 05/12/2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 8, N. 1, 2022.